Ano III

QUINZENÁRIO

NÚMERO AVULSO:
UM ESCUDO

# ALA

N.º 30

14 de Maio de 1944

Distribuição a cargo da "Agência Internacional de Livros e Publicações"
Rua de S. Nicolau, 116-2.º — Telef. 2 6942

Jornal dos Universitários Católicos de Portugal

PROPRIEDADE: JUVENTUDE CATÓLICA
Redacção e Administração: Campo dos Mártires da Pátria, 43
Telefones (P. B. X.) 4 6772 e 4 1074 LISBOA—PORTUGAL

DIRECTOR: *Carlos Krus Abecasis*
REDACTOR PRINCIPAL: *Carlos Branco*
EDITOR: *José G. Martins Alves*
ADMINISTRADOR: *Ruy Heytor*

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIPOGRAFIA FREITAS BRITO, L.DA
Rua do Ferregial de Baixo, 12 a 20 Telefone 2 7620

## O trigo apodrece se o amontoam e frutifica quando o semeiam

*(S. Domingos)*

"A civilização cristã é o acréscimo do Reino de Deus» escreveu um dia Charles Journete. Verdade tão pouco vivida, mas que nunca deveria ter saído do nosso espírito se déssemos a necessária atenção às palavras de Cristo Senhor Nosso: «Procurai antes de tudo o Reino de Deus e o resto ser-vos-á dado por acréscimo». Não é assim, bem o vemos, que pensam hoje os homens. Todos pretendem obter antes de tudo a reforma básica donde tôdas as outras derivem automàticamente.

Para uns a abolição do estado, para outros o fortalecimento do estado, para uns a vitória dêste ou daquele partido, para outros a socialização da propriedade... e para quantos antes de tudo «o Reino de Deus e a sua glória»? Contudo foi isto que nos mandou aquêle que confessamos único Senhor e Mestre. Não é outra a missão individual do católico do que «procurar antes de tudo o Reino de Deus»; não é outra a sua missão social senão levar todos os homens a procurarem antes de tudo o Reino de Deus.

Todos conhecemos muitos meios de impor à humanidade a verdade dum grupo, muitas maneiras de congregar partidários. Legítimas, ilegítimas, nenhumas podemos usar quando desconheçam as realidades Deus e homem. Sempre a Igreja Católica tem reprovado o apostolado, ilusório apostolado, por imposições de violência. Não é recorrendo ao que possa haver de inferior no homem que interessa fazer católicos; interessa fazer católicos, plenamente conscientes, pela livre adesão da inteligência.

Na grande crise que atravessamos alguns espíritos de boa vontade começam a atentar numa Igreja Católica que existe há séculos, mantendo sempre a mesma inflexível linha doutrinal, cuja doutrina nunca falhou «a:é pela simples razão de nunca ter sido experimentada» como disse um dos seus filhos. Mais do que nunca é necessário hoje viver e prègar o Catolicismo.

Diante duma sociedade em que os homens agem indiferentes a Deus, em que homens dão, sinceros, a vida por ideais humanos quantas vezes criminosos, quando considerados objectivamente; em que a «filantropia» se considera o mais alto sentimento humano, é preciso viver o ideal divino para mostrar pràticamente como êle tem infinitamente mais vitalidade do que qualquer ideal meramente humano, viver a caridade mostrando pràticamente no que difere da «filantropia».

Diante das mais diversas e incoerentes filosofias em que se perdem tantos pensadores honestos e desejosos de acertar, é preciso espalhar a Palavra Divina, mostrando como contém e ultrapassa todos os sistemas humanos no que cada um contém de verdadeiro.

O Século XIII foi uma grande época na vida católica. Então como hoje, a sociedade deixára de ser estável, classes em formação coadunavam-se mal com as existentes, várias seitas heréticas propunham uma remodelação total da estrutura social começando pela destruição das suas bases. Entre êstes, sobretudo no Sul da França e na Itália, muitos eram sinceros e assistia-se ao facto singular de heréticos levando, na sua maioria, vida mais pura do que a da maioria dos católicos. Era preciso viver e prègar o Evangelho. E S. Francisco de Assis, leva os italianos católicos a viverem a Palavra de Deus, e a mostrarem pràticamente que a sua doutrina era mais fecunda, do que as mais bem-intencionadas doutrinas humanas. Espalhar a palavra de Deus... e, no Sul da França, S. Domingos funda a sua ordem, para que nenhuma criatura deixe de conhecer a Verdade à falta desta ser bem alto gritada. As cruzadas tinham falhado, em breve tomava incremento a ideia duma cruzada intelectual: ganhar pela inteligência aquêles que não fôra possível bater pelas armas. E surge então o mais completo sistematizador católico: S. Tomaz de Aquino.

Nós não vamos perder as lições do Século XIII. Também hoje há instabilidade social, também hoje há heresias que querem destruir as bases da humanidade, também hoje há doutrinas filosóficas erradas e desastrosas, sobretudo também hoje há homens sinceros que se desorientam na luta por ideais meramente humanos e criminosos; também hoje há pensadores que não se conseguem encontrar nas incoerências das teorias da moda. Também

(Conclui na pág. 2)

# Mons. Bernardo W. Griffin

## De filho de operários e fotógrafo da marinha a Arcebispo de Westminster

COMO é sabido, ocupa, desde o princípio do ano, a sede episcopal de Westminster o novo Primaz Católico da Grã-Bretanha, Mons. Bernardo W. Griffin, Bispo titular de Abya e auxiliar de Birminghan.

Para muitos, a personalidade de Mons. Griffin é completamente desconhecida e, por isso, pareceu-nos conveniente dar aos leitores de «Ala» uma ideia do novo Primaz inglês, quem, a julgar pela sua relativa juventude, parece estar chamado a vêr dias grandes na nova sede, por onde desfilaram figuras como os Cardiais Wiseman, Mauning, Vaughan, Bourne e Hinsley.

A origem de Mons. Griffin tem analogias com a do falecido Cardial Hinsley, que vivia do salário do ofício de carpinteiro, que o seu pai exercia em Carlton (York). Também os pais de Mons. Griffin viviam do seu ofício, que era de compra e venda de «pneus» e de bicicletas numa das ruas da populosa Birminghan. Neste ambiente operário e vulgar aos olhos do mundo, nascia Bernardo Guilherme, a 21 de Fevereiro de 1899, no fim do século passado. E neste mesmo ambiente suscitava Deus uma predestinada vocação ao sacerdócio, que havia de dar dias de glória à hierarquia da sua pátria, depois da restauração da mesma por Pio IX, em 1850, com a carta apostólica «*Universalis Ecclesiae*».

Cursou os seus primeiros estudos eclesiásticos no Seminário de S.ta Maria de Birminghan, mais conhecido em Inglaterra, pelo nome de «*Oscott College*». Ao mesmo tempo a Divina Providência guiava os passos do seu irmão gémeo, Walter Basílio, para o Claustro da ordem beneditina e os da sua irmãzita para um convento. Eis como, daquela família operária dos arredores de Birminghan escolhia o Senhor para si tão valorosas joias.

Os superiores de Oscott enviaram o aplicado seminarista para o colégio inglês de Roma, onde estudou, precisamente, nos últimos anos em que o futuro Cardial Hinsley era ainda reitor do mesmo. Depois passou também um ano, noutro colégio britânico da Cidade Eterna, chamado São Beda. Finalmente, na festa de Todos-os-Santos de 1924 era ordenado presbítero.

De volta à pátria, desde 1927 não deixou de ocupar cargos elevados na Diocese de Birmingham, como secretário do Arcebispo Mc. Netyre (até êste renunciar à sede em 1929) e mais tarde como secretário do Arcebispado, com o actual Arcebispo, Mons. Tomás Leighton Williams, até 1938.

Êsse mesmo ano, a 30 de Junho, foi sagrado Bispo auxiliar de Birminghan, tendo-lhe sido confiado desde então, o cargo de Vigário Geral da Diocese, que é a 2.ª Diocese da Grã-Bretanha, com uma população total de 3.595.712 habitantes, dos quais são católicos 153.756. No ano pàssado, deram se, nesta Diocese 800 conversões ao catolicismo.

Além dos seus deveres eclesiásticos, Mons. Griffin, embora sendo Bispo titular de Abya e auxiliar de Birmingham, dirige a administração duma grande instituïção de caridade, conhecida pelo nome de «*Father Hudson's Homes*» (Lar do P. Hudson), em Coleshill, próximo da grande cidade fabril. Ali albergam-se mais de 600 crianças orfãs, desamparadas, ou refugiadas, que oscilam entre os três meses e os 16 anos. Apesar da sua dignidade episcopal, Mons. Griffin gostava, quando podia, de passar um bocado entre as crianças e mesmo tomar parte nos seus jogos e diversões, como qualquer dêles.

O seu carácter, tão simples e popular, provém, naturalmente, em Mons. Griffin, do ambiente paterno, da educação e do temperamento. Na última guerra, quando tinha 18 ânos, teve de interromper os estudos eclesiásticos para incorporar-se na fôrça armada. Foi destinado à Marinha, e nela teve uma missão vulgar, como fotógrafo mecânico.

A magna pèregrinação a Lourdes, ântes de rebentar esta guerra dá-nos uma anedota curiosa: O comboio dos peregrinos ingleses ia repleto. Nem sequer um velho cónego conseguia arranjar assento livre.

Então, Mons. Griffin, reparando no facto, ofereceu-lhe o próprio lugar, com estas persuasivas palavras: «Não se preocupe comigo. Fui soldado e estou habituado a dormir no chão».

No trágico Outono de 1940, quando dos tremendos bombardeamentos aos Midlands, Mons. Griffin foi vigia da defesa passiva. Nos dias lúgubres de Coventry, Mons. Griffin foi dos primeiros a acudir com solicitude pastoral, e junto com seu irmão Walter, que estava no convento da mesma cidade, prestou os auxílios materiais e espirituais aos que conseguiam sair daquele inferno de metralha e fogo.

Se todos êstes pormenores têm interêsse, não podemos deixar de falar nas qualidades intelectuais do novo Arcebispo de Westminster.

Actualmente, Mons. Griffin é considerado o melhor canonista da Grã-Bretanha. Os seus conhecimentos de direito canónico e civil são profundos e as suas satisfatórias consultas são disso um claro indício.

Também o aspecto social ocupa preferentemente a atenção de Mons. Griffin. Nascido na populosa Birminghan, de um milhão de habitantes, em contacto com a miséria dos «*slunes*» ou subúrbios dessas cidades industriais, e Bispo auxiliar duma Diocese eminentemente produtora e fabril, teve ocasião de avaliar exactamente tôda a gravidade do problema social. Não surpreenderá, portanto, os leitores saber que a amizade já antiga, que une Mons. Griffin a Sir William Beveridge, influiu em muitos aspectos do famoso «*Plano Beveridge*», que se pensa realizar no após-guerra e que se considera como um dos planos sociais melhor elaborados.

Por outro lado, a sua facilidade na prègação sagrada é conhecida e brilhante.

A sua actividade e capacidade de trabalho são enormes: desde as seis da manhã até às onze e meia da noite, depois de ter recebido muitas visitas e dado despacho, com duas religiosas, que fazem de secretárias-dactilógrafas, aos assuntos de importância.

E sempre o seu fino humorismo e o seu típico sorriso escondem o trabalho que pesa sôbre os seus ombros e que agora se vai agravar na sede Primaz de Westminster.

*(De «Signo» — semanário da Juventude Católica Espanhola).*

## "FLAMA"

No dia 13 de Maio reapareceu a «Flama» órgão da Juventude Escolar Católica.

Esperando podermos no próximo número referirmo-nos mais pormenorizadamente ao nosso colega que volta ao campo de combate, saüdamo-lo desde já entusiàsticamente, desejando-lhe as maiores prosperidades no desempenho da sua difícil missão.

# O chefe da Igreja Anglicana e a doutrina tomista

No número de Março—1944—de «Blackfrairs» (a revista dos Dominicanos ingleses) publica-se um artigo do Arcebispo de Canterbury em que êste define a sua posição perante S. Tomaz.

Decerto que não se poderiam esperar dum Arcebispo Protestante opiniões completamente ortodoxas. Contudo àparte um ou outro pormenor, sobretudo teológico, as observações feitas ao pensamento de S. Tomaz podem ser e têm sido feitas por católicos. Esperamos poder dar no próximo número de «Ala», um excerto das observações feitas no mesmo número de «Blackfrairs» pelo P. Victor White, O. P., que iniciou a discussão das opiniões do dr. Temple, quando da conferência dêste na «Aquina's Society». Cremos inútil encarecer o que representa para nós o artigo do dr. Temple: A figura mais importante da Igreja Inglesa Reformada, o pensador e sociólogo distintíssimos, uma das mais influentes personalidades da vida pública inglesa, mostra numa revista católica o interêsse profundo que lhe desperta o *Doutor Comum* da nossa Igreja. E sobretudo a esperança que dá de que não venha longe o dia em que se procurem resolver as divergências pelo estudo honesto e leal do que afirmaram os escritores mais representativos. Para os universitários católicos portugueses terá a vantagem de mostrar pontos da sua doutrina que mais interessam a não-católicos e as críticas dêstes.

*C. B.*

## O Tomismo e as Necessidades Modernas

POR

*William Temple*
Arcebispo de Canterbury

Não há muito tempo que fui honrado por um convite para dirigir a palavra à «Aquinas Society» que aceitei com prazer, escolhendo como tema o título dêste artigo. Desde então tem-me sugerido que deveria publicar num artigo o essencial dessa comunicação e apresso-me a fazê-lo. Seria impossível reproduzir a própria conferência, porque foi pronunciada sôbre notas que não eram mais do que tópicos, e êstes destruí-os logo que acabei de a dizer. Isto, contudo, não tem importância. O que é importante é, não o repetir o que foi dito numa ocasião particular, mas promover a consideração pelo ensino de S. Tomaz nas suas relações com as necessidades do nosso tempo.

Devo declarar de início que não sou rigorosamente um estudioso de S. Tomaz — como, por exemplo, meu pai o era. Li uma considerável quantidade dos seus escritos com grande atenção, mas sem a comparação constante duma passagem com outra, a única coisa que se pode chamar «estudo» em relação a um grande escritor. Falo, portanto, devido a uma impressão geral que pode ser devida aos intérpretes e críticos de S. Tomaz, em tanto ou até em mais do que a êle próprio. Se assim é, os que são verdadeiros estudiosos da sua obra podem fàcilmente refutar-me, mas ninguém deixará de ficar encantado por lhe chamarem a atenção para pontos que na apresentação comum da sua doutrina produziram num espírito uma impressão final que exige correcção.

Devemos partir, convenientemente, das nossas necessidades modernas; e entre as maiores delas conta-se a dum mapa do território através do qual a peregrinação da nossa vida na terra se deve desenrolar. Enquanto eu estava a crescer, havia um sentido geral de segurança ilusório, sem dúvida, mas nem por isso o de menos influência.

Certos princípios eram universalmente aceites pelo menos no que tocava à profissão exterior.

As doutrinas teológicas da Cristandade eram largamente discutidas, mas não o seu ensino ético. Os grandes agnósticos victorianos não acreditavam sòmente que o caminho cristão da vida deveria reclamar a homenagem dos que se afastavam do dogma cristão; desejavam que fôsse assim e tinham por certo que todas as pessoas de boa vontade partilhavam o seu desejo. Havia um corpo de convenções aceite, em relação à maneira como deveríamos tentar viver. E a sociedade encontrava um lugar para nós — um lugar bastante insuficiente para muitos, mas falando em sentido lato algum lugar para todos. Além disso os abusos evidentes da vida social estavam a ser remediados. O progresso seria lento, mas era certo. Num tal momento há pouca necessidade dum mapa; todo o terreno está assinalado, e é razoàvelmente fácil encontrar o próprio caminho.

Para os que cresceram depois de 1914 e, especialmente, desde 1919 tudo isto mudou. Não há segurança; para muitos, a sociedade parece não ter assegurado o mínimo lugar; as convenções do século XIX deixaram de ser aceites; o pêso da autoridade está com a ciência, não com a religião, a moda está com a auto-suficiência e não com a moral tradicional; e o caminho cristão da vida é abertamente atacado pelo comunismo marxista, pelo nazismo e pelo hedonismo irresponsável aceite como princípio.

A guerra, é verdade, libertou-nos de momento e os cidadãos das nações beligerantes encontram ao serviço dos seus países a causa por que estão prontos a viver e morrer; uma tal causa dá unidade à vida. Mas esta causa não preenche tôda a vida, e, se, no que concerne tudo o que afecta perceptìvelmente o esforço de guerra, a nossa moral é decedidamente baixa noutros aspectos. E a guerra acabará um dia; a causa que dá agora unidade e significado a tantas vidas não exercerá muito tempo a sua influência. Então multidões sentir-se-ão confusas e perdidas; não saberão onde estão, para onde vão ou para onde querem ir. Necessitarão desesperadamente dum mapa do país.

Ninguém contesta que o mais completo mapa até hoje erguido é o de S. Tomaz de Aquino. Alguns sustentam que tal mapa está viciado pela aceitação de algumas ilusões cartográficas; outros sustetent m que tal mapa necessita de ser corrigido nalguns aspectos importantes, mas que a nossa mais esperançosa linha de avanço é parte desta obra, fazendo tantas correcções como pensamos que necessite.

. . . . . .

O princípio da Lei Natural ou Ordem Natural é de importância e valor especiais nas relações com a sociologia. Muitas perturbações do mundo moderno vêm da confusão de meios e de fins.

S. Tomaz reivindica a palavra de S. Agostinho que *omnis humana perversitas est uti fruendis et fui utendis* notando que esta *lex aeterna primo principaliter ordinat hominem ad finem* (S. T. I. II. 71. o ad. 3). É da luz dêste princípio que S. Tomaz penetra a sua defesa e limitação dos direitos de propriedade, salutar doutrina muito necessitada nos nossos dias, evitando, como faz, a perpectiva asocial do individualista e a repressão socialista da iniciativa (ver S. T. II. II. 66, 2). Na sua concepção da propriedade e dos princípios de que decorre a doutrina do «Justo Preço» e a «Proïbição da Usura», estou convencido que S. Tomaz oferece exactamente o que o Mundo Moderno precisa. Decerto requerem-se ajustamentos a novas condições, e o primeiro ponto em que desejo algumas modificações da doutrina Tomista provém desta necessidade de reajustamento.

Trato agora dos pontos em que me parece que se requerem adições ou modificações. É muito provável que defenda esta opinião porque o meu estudo de S. Tomaz seja muito deficiente. Na medida em que assim é, suponho que a falta é em parte devida aos seus recentes intérpretes; e se um resultado dêste artigo fôr levar os verdadeiros estudiosos a mostrar que S. Tomaz preenche as nossas necessidades, mas tem sido vulgarmente deturpado, terá servido um útil propósito.

(1) O primeiro ponto não é provàvelmente para ser sèriamente discutido. No século XIII a estrutura da sociedade europeia era razoàvelmente estável. Havia uma escala de promoção para um rapaz realmente competente através a educação e serviços controlados pela Igreja. Mas, falando em geral, os graus da sociedade estavam fixados e tinham os seus diversos direitos, obrigações e responsabilidades. O servo ou vilão tinha poucas liberdades, mas tinha segurança; e no outro extremo, a opinião pública exigia várias espécies de serviço do Senhor do Feudo ou magnate feudal. O moderno horror da riqueza irresponsável — do poder económico divorciado do serviço social — era quási desconhecido.

O ensino social de S. Tomaz — como por o critério do Justo Preço — refere-se a esta situação. A aplicação dos seus princípios à nossa sociedade fluida onde há riqueza irresponsável dum lado e do outro liberdade (no direito, pelo menos) sem muita segurança—uma sociedade mais baseada no contrato do que no estado geral—requere grandes ajustamentos.

(2) A nova e menos estável ordem social deve-se em parte ao novo interesse pela personalidade individual. Foi a grande característica do pensamento do Renascimento e da Reforma. Deu-se-lhes muitas vezes expressão defeituosa: o Cartesiano *Cogito ergo sum* porque «a consciência do eu» se tornara o eixo não só da epistemologia mas também da metafísica e a auto-procura agressiva de homens e nações, característica da época «moderna» são as prevensões de algo verdadeiro e importante. A antiga filosofia da velha Grécia e Roma e a filosofia medieval eram deficientes na apreciação da Personalidade como um modo de ser.

Freqüentemente me parece que S. Tomaz está a falar do *género* humano sem o devido reconhecimento de que uma característica dêste género que o diferencia dos outros todos, é o alto grau de individualidade que se descobre nos especimenes—em grau tão elevado que se pode fazer da particularidade de cada elemento, tão largamente constitutiva da sua essência, como a qualidade genérica. Isto, se é verdadeiro, é um princípio de suprema importância para o moral aplicada. Do novo encarecimento derivou a mudançada sociedade [illegible] estado legal paraa de contrato; disto nascem também os três ra[illegible] justamentos da tradição tomista [illegible] que vamos entrar.

(3) Uma consequência da qua[illegible] dade estática da estrutura soci[illegible] medieva foi a eliminação da mo[illegible] de tôdas as considerações sôb[illegible] direcção de métodos de progres[illegible] social. Requeria uma interpreta[illegible] ética da ordem existente e de dire[illegible] trizes éticas para a conduta dent[illegible] desta ordem. Não havia crítica [illegible] ordem em si ou dos princípios bá[illegible] cos ou de qualquer ideal acei[illegible] Nos nossos dias um tema impo[illegible] tante de discussão em moral é [illegible] justificação da ordem social [illegible] económica que encontrámos. O in[illegible] víduo sente-se responsável por [illegible] sustentar, corrigir ou derrubá[illegible] Isto resulta da experiência de co[illegible] tante mudança—vulgar, mas (gen[illegible] mente) chamada, injustificada[illegible] mente, progresso — que se torn[illegible] familiar durante o último século [illegible] meio. Tendemos a esquecer com[illegible] esta experiência é recente.

As mudanças de estrutura soci[illegible] devem-se à aplicação de poder — água, vapor, electricidade — à pr[illegible] dução económica e ao vasto incre[illegible] mento na facilidade e rapidez d[illegible] comunicações. No nosso país is[illegible] levou à urbanização em gran[illegible] escala, e à transferência da pr[illegible] ponderância social efectiva do pr[illegible] prietário rural para o capitalist[illegible] Há sinais de que a era de rápid[illegible] mudanças está talvez a encerrar-s[illegible] e que os próximos dois século[illegible] serão talvez um novo período d[illegible] nova estabilidade; mas esta espe[illegible] tativa pode ser modificada a qua[illegible] quer momento por uma nova de[illegible] coberta científica, tal como a [illegible] maneira de libertar e utilizar [illegible] energia atómica.

Se a mudança continuar pensa[illegible] mos guiar o seu curso consciente[illegible] mente; se esperamos a estabilidad[illegible] será moralmente tão boa como a[illegible] podemos fazer, o que implica mu[illegible] dança conscientemente dirigida[illegible] antes da estabilização. Eis uma[illegible] importante necessidade do nosso[illegible] tempo para a qual o tomismo pouc[illegible] adianta, ainda que evidentemente[illegible] seja verdade que os seus prin[illegible] cípios fundamentais podem ainda[illegible] dar as fundações sôbre que cons[illegible] truir. Há o perigo de que a devoçã[illegible] a S. Tomaz sem facilidade de com[illegible] pletar o seu ensino nos cegue para[illegible] um dever importante da nossa[illegible] geração e nos torne aliados das[illegible] forças da inércia. Dizê-lo não é [illegible] criticar S. Tomaz, pois estamos a[illegible] procurar resposta a uma questão[illegible] posta à nossa experiência mas que[illegible] não se pôs à sua. Necessitamos[illegible] desenvolver um tipo de cidadã[illegible] responsável a que o seu mundo[illegible] não dava oportunidade.

. . . . . .

(5) Com a insuficiente apreciação da individualidade no tradicional esquema tomista, vai a insistência na prioridade do conhecimento como distinto do amor — ou para falar em termos mais técnicos, há apreciação insuficiente do «conhecimento afectivo». Com certeza é verdade que não posso amar ninguém cuja existência ignore; mas quando de facto encontro êsse alguém, as minhas reacções afectivas para com êle determinam a extensão e qualidade de qualquer conhecimento ou compreensão que dêle eu procure; e para plenitude do conhecimento, amar é a condição indispensável. S. Tomaz sabia isto tudo por experiência própria; não lhe deu, penso, expressão nos seus escritos sistemáticos. Suspeito que foi a consciência disto que o levou no fim a dizer que todos os seus escritos teológicos eram «palha»; a fé real do homem aparece nos hinos Eucarísticos.

Êste tema do conhecimento afectivo é o mais difícil de tratar e é

(Conclui na pág. 5)

## O trigo apodrece se o amontoam

**(Conclusão)**

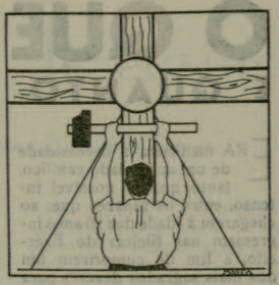
hoje há o Reino de Deus a estabelecer pela vida e prègação do Evangelho. Grande parte, a mais importante, da crise é intelectual e pela inteligência se terá de resolver. Não é com espírito de agressividade e superioridade pessoal que se pode chegar a fazer entender a Verdade aos que dela se acham afastados, mas sim mostrando como o êrro nasce sempre duma parcela de verdade tornada verdade única e centro do universo. Contràriamente ao que se afirma os católicos não julgam ter tôda a Verdade nas suas inteligências. Êles sabem de facto o que é a Verdade, mas tem a consciência plena de quanto o seu conhecimento é limitado em relação ao objecto. Dos pensadores não católicos, em geral, se pode dizer o que afirma de Beyson um frade dominicano: — «êste grande judeu recorda o centurião que no Calvário abriu o coração do Senhor, donde saíram água e sangue. Todos os ataques, na filosofia, nas ciências experimentais, na história, feitos à Igreja Católica tem sido como a lança do centurião um motivo para nós conhecermos, na reacção conseqüente, a sua infinita vitalidade. Será impossível que os espíritos que procuram a verdade se decidam a estudar sem preconceito o Catolicismo? Creio que depende em muito da nossa acção a chegada dêsse dia. Invocamos mais uma vez a lição do século XIII, lembramos o seu exemplo de caridade. S. Francisco não censurava àsperamente as pessoas honestas que viviam no meio do luxo, porque um dia poderiam abandonar tudo pela Dama Pobreza, como êle o fizera. S. Domingos espalha a devoção do Rosário, por excelência aquela em que se pede pelos pescadores e pela conversão dos heréticos.

Nos nossos dias nenhum meio se pode desprezar: tudo o que possa libertar o homem do que nêle se opõe ao livre exercício da inteligência, é necessário que se aplique. Só com homens verdadeiramente humanos, vivendo da razão iluminada pela caridade — amor de Deus e do próximo — a civilização ambicionada será possível, porque tais homens «procurarão antes de tudo o Reino de Deus...».

A parcela de Verdade que há em casa um de nós se pode aplicar a palavra do Pai dos Prègadores: «O trigo apodrece quando o amontoam, e frutifica quando o semeiam».

*CARLOS BRANCO*

# PÁGINA SOCIAL



## Escola Nova

NÃO estamos satisfeitos com o mundo em que vivemos... preparemos o futuro!

Estamos cansados de acusar os erros, as limitações, a má fé de uma época que nos não compreende... não pensemos mais nas culpas dos que passam; pensemos nas responsabilidades que nos aguardam!

Tomemos todos consciência do valor do esfôrço educativo na vida de uma Nação. É preciso que todos e cada um de nós se integre nos problemas que apresenta a educação — porque da sua solução depende o futuro.

Pestelozzi, o Padre Girard, Madame Montessori e quantos outros viram na educação a chave do problema social e político das Nações. Simplificado, materializado êste princípio espalhou-se na consciência moderna. Acreditou-se como diz o abade Rutten que «quanto mais escolas se abrissem, mais prisões seria possível fechar». O abade Rutten dizia mesmo mais, focando outro aspecto da questão: «Imaginou-se ingènuamente que a divulgação da instrução traria atraz de si quási automàticamente o progresso da moralidade pública; asseguraram-nos que quantas mais escolas se abrissem mais prisões se poderiam fechar. Entretanto tolerava-se uma organização do trabalho que multiplicava em volta da mocidade as condições próximas do pecado».

Em Portugal, como diz Sálazar, estamos longe de ter posto em prática o princípio da intrução popular obrigatória aceite já desde o tempo de Marquês de Pombal. Mas naquêles países onde todos os indivíduos recebem uma instrução escolar encontramos por tôda a parte referências àquilo que eles chamam a «falência da educação popular».

É que os problemas da educação não se reduzem a simples quantitativo de escolas, professores ou alunos! É que «educar» o povo não é o mesmo que «instruí-lo» — transmitir-lhe conhecimentos ou técnicas profissionais — educar é viver, e ensinar a viver — difícil tarefa...

[Poderá ela realmente ser realizada à margem da família?]

Nenhum grupo de indivíduos pode reconstruir livremente uma sociedade a não ser atravez de medidas legislativas que imponham a todos os que a compõem uma instrução escolar obrigatória. Cada tipo de sociedade oferece num dado momento um determinado modo de vida aos novos, que só por uma lenta evolução social da mentalidade se pode modificar. A escola é realmente um dos meios para formar essa nova mentalidade porque ansiamos mas não a escola tradicional intelectualista, mecanicista mas a Escola Nova — entendida no seu sentido mais lato, não no sentido da escola naturalista, pragmatista ou laica a que por vezes se aplica êste nome.

Dizia Lord Eustace Percy na comunicação que fez em 1925 perante um Congresso de professores e educadores: «Um maquinismo eficiente, métodos eficientes, organizadores e professores eficientes são absolutamente necessários para assegurar um ensino eficiente, mas a eficiência que pode ser verificada por exames, avaliada por inspectores de ensino ou pelo êxito alcançado no comércio na indústria ou nos negócios, de pouco serve para assegurar a continuidade a uma era que perdeu a fé em si própria e no seu destino. A verdadeira missão da escola é produzir homens» — homens a que não foram transmitidos farrapos esquematizados, pílulas de conhecimentos mas uma concepção da vida, uma formação do caracter.

*

— A Escola Nova baseia-se sôbre os modernos estudos da psicologia;

— O seu princípio fundamental consiste em reconhecer que a criança se desenvolve natural e espontâneamente atravez da actividade própria e que o seu desenvolvimento pode ser estimulado e dirigido por meios adequados à sua idade mental e à sua indole individual;

— O seu objectivo imediato é o desenvolvimento integral da criança;

— O seu método é a alegria — pois «não é pelo esfôrço que se educa o esfôrço» não é pela fadiga que se aprende a trabalhar; é o interêsse que suscita e mantém a atenção que é indispensável ao progresso mental e moral e é êle que deve ser chamado a constituir o centro do trabalho educativo.

Por abolir por completo o trabalho mecânico da fixação da aprendizagem a Escola Nova tem falhado em muitos pontos, no entanto, pondo de parte certos exageros as suas exigências parecem-me sãs.

Os princípios gerais desta nova pedagogia não se opõem de modo algum ao espírito católico. Mas quem não vive êsse espírito, quem o não compreende pode servir-se destes princípios — primitivamente elaborados e postos em prática por cristãos — e pô-los ao serviço de uma educação laica, pragmatista ou naturalista.

O católico acredita que ao desenvolvimento mental e moral da criança não se possa atribuir limites; aceita a adaptação cada vez mais perfeita ao meio natural e social como fim imediato da educação — mas não acredita que essa evolução e essa adaptação deva conduzir à elaboração lenta de novos princípios orientadores do comportamento humano — para êle essa evolução e adaptação deverá ser sempre uma manifestação e continuação do espírito cristão.

O católico acredita que a criança deve ser educada moral e socialmente — mas não aceita a opinião dos que dizem que o bem da sociedade deve ser o aferidor do comportamento do indivíduo.

O católico reconhece a importância da educação física e dos sentidos mas vê nela só um meio que deve ser utilizado com *prudência* com o fim de libertar as faculdades superiores do homem, chamados a cumprir a sua missão mais alta.

O católico reconhece quem a vida é um dom precioso — que melhor do que êle pode reconhecer isto... — e que a alegria de viver pode servir de estímulo precioso para educar o esfôrço e a actividade incerta da criança — mas não acredita que viver seja um fim em si próprio... nós sabemos que vivemos para alguma coisa.

*M. R. L.*

## Sociologia e Arte

NO próximo congresso de arquitectos portugueses e espanhóis a realizar em Outubro, no país vizinho, discutir-se-á o problema das pequenas moradias nos grandes centros urbanos e é de prever que se dê especial realce à questão das habitações económicas.

Tudo indica ser êste o ponto que mais interêsses desperta aos nossos arquitectos, notícia que, com muito agrado, constatamos na esperança de, mais tarde, podermos relatar as conclusões e tudo o mais de constutivo que, no campo social êste encontro de artistas nos venha a fornecer.

Nunca o arquitecto deve furtar-se aos problemas de carácter social aderente à execução e à finalidade das obras que concebeu, e, quando é urbanista e tem de delinear arruamentos, demolir habitações, situar edifícios que podem ser igrejas, palácios, hospitais, presídios ou casas humildes mais indispensável lhe é a familiaridade de tais problemas. Uma casa demolida implica o próprio alojamento dos seus habitantes; um bairro de latas exige a construção de casas habitáveis; à fúria do camartelo há que poupar patrimónios respeitáveis. Um bom urbanista além de arquitecto, além de artista, terá que ser sociólogo, pelo menos de intuïção.

Esperemos que do Congresso resultem as ideias que hão-de presidir ao alojamento racional das classes humildes nas cidades da Península.

¿Serão os bairros de casas uniformes, isolados e afastados dos centros de trabalho boa solução?

Não o sendo ¿como resolver o problema das casas para operários em condições prováveis de economia, higiene e conforto no centro da cidade?

Eis algumas das preguntas às quais os arquitectos espanhóis e os arquitectos portugueses estão empenhados em nos responder através das sessões do seu congresso.

Que as respostas estejam impregnadas de espírito de Arte, de espírito de Humanidade e acima de tudo de espírito cristão é quanto desejamos.

*A. C. M.*

### O PROBLEMA SOCIAL

## Como formar um escol no ideal de servir?

OBJECTIVO mais que todos moroso e difícil na realização deve situar-se em modelar ou acertar pelo ideal de servir o carácter, a vontade e o agir dos que sobem para a vida.

Modeladora de caracteres, a mais sábia, prudente e fecunda, afirma-nos a História que tem sido a Igreja Católica.

Num país onde a quási totalidade dos cidadãos se ufanam de católicos incumbe ao Estado consentir, proteger e até auxiliar aquela acção da Igreja no trabalho de formar almas, temperar caracteres fortes e generosos na prática do bem, no serviço do ideal de servir.

Nas múltiplas associações de piedade e beneficência, nas organizações da Juventude Católica e até na Mocidade Portuguesa queremos ver fôrças disciplinadas, disciplinadoras e activas em ordem a criar na juventude portuguesa almas de eleição, arrojados construtores dum Portugal cada vez maior... em qualidade.

«Todos por um e um por todos»; «fazer o bem sem olhar a quem»; destruir ou mitigar as lágrimas de quantos nos rodêem, deve ser o mínimo de aspirações nobres em todo o verdadeiro português.

*Cristo, o modêlo!*

Pelos que tiverem Fé, considerado na plenitude do ser: Deus e homem verdadeiro simultâneamente.

Para os que Fé não tiverem e não quizerem ver n'Êle mais que um homem, ainda Jesus será exemplar único: «foi o mais belo dos filhos dos homens».

Mesmo sob êste único aspecto, nada perante a grandeza infinita da personalidade de Cristo, permanece ainda modêlo sublime, reprodução excelsa do homem perfeito, do homem sem mácula tal qual saiu do poder criador de Deus.

A melhor forma de criar na juventude o ideal de servir, é implantar nela, é insuflar-lhe o espírito de Cristo: «**a meu alimento** *disse (e fez!) Cristo*, **é fazer a vontade de meu Pai», é servir!**

Um exemplo que prova a eficiência da vida católica na formação espiritual e moral ou formação do carácter dos jovens.

Numa das maiores cidades industriais portuguesas vive uma família cujo chefe é operário.

Lar pobre mas com vida sã e modelada, sobretudo pela mãe, na humilde família de Nazaré, família pobre também e em cujo seio Jesus «cresceu em graça e idade diante de Deus e diante dos homens».

Dez filhos, inteligentes, vivos duma vivacidade em que refulge o sobrenatural, a graça encantadora e infinita de Deus.

Essa família era visitada e socorrida por uma conferência de S. Vicente de Paulo constituída exclusivamente por rapazes todos católicos praticantes.

Na visita aos pobres trabalham os vicentinos por levar auxílio material e confôrto espiritual... e recebem por vezes como prémio e castigo lições tremendas de bons exemplos. *Muitas vezes, quási sempre dão menos que recebem.* Quantas lições de gratidão e às vezes (quantas vezes até!), lições de um viver excepcionalmente nobre, de uma nobreza arrebatadora e comovente por se nos afigurar quási divina?

Foi dêste quilate o exemplo colhido numa das visitas a essa família de operários.

Era domingo e o confrade vicentino adrega fazer a visita à hora a que a mãe, rodeada pelos dez filhos, lhes vai servir o almôço.

Dez batatas na panela. Onze pratos (o pai não estava por se haver entregado à embriaguês): um nos joelhos de cada filho e o undécimo no colo da mãe.

Água com umas gôtas de azeite boiando à superfície formavam o tempêro daquela refeição.

De cada batata faz aquela mãe pedacinhos que dispõe sôbre o fundo de cada um dos dez pratos, gerando assim na fantasia das crianças a idéa consoladora de que o alimento era abundante. E ela, de olhos fitos mais nos filhos que no prato vasio sôbre o colo, medita, pensa... e julga insuficiente para os filhinhos o alimento distribuído.

Não se lembra de si... se sua vida lhes dera vida, porque não havia de continuar a fazê-lo?!

Nós, porém, não ouvimos palavra. As crianças entre-olham-se num volver de olhos encantador e cada uma tira de seu prato um pedacinho de batata que vai depositar no prato da mãe e, desta guisa, acabam por servir a quem os servira.

O quadro salientava-se para nós entre os mais ricos da expressão.

A mais bela pincelada o conciuiu.

Só o homem que o não fôsse permaneceria indiferente e sem coração.

Deus revelou-se a nossos olhos em deslumbramentos de infinita beleza.

Palpámos a nobreza, a sublimidade, o encanto de servir, e, à semelhança daquela mãe e filhos, sentimos desejo, paixão veemente de pôr a nossa felicidade ao serviço da felicidade alheia, de gastar a vida no serviço do semelhante.

Assim, como de variadíssimas outras práticas, tôdas inteligentes e vivas, se educam almas que nasceram equilibradas e sãs, que são terra bôa onde a semente do Evangelho produzirá cento por um.

*Beirão da Serra*

# O QUE É A «OBRA DOS SOLDADOS»
## E QUANTO OS JUCISTAS PODERIAM FAZER EM SEU FAVOR

### A sua acção estende-se aos Açores e a Cabo Verde

ERA manifesta a necessidade de um apostolado católico, tanto quanto possível intenso, entre os rapazes que, ao chegarem à idade dos 20 anos ingressam nas fileiras do Exército, a fim de cumprirem um dos mais sagrados deveres para com a Pátria.

Muito embora o Exército seja, pela sua própria natureza, uma boa escola de civismo, o que é incontestável, segundo a experiência de vários meses passados nas suas fileiras como miliciano, é que muitos dêsses rapazes, ou por respeitos humanos — fruto de uma fé pouco intensa — ou, pelo convívio com camaradas sem educação religiosa e já bastante viciados pela atmosfera doentia das cidades, vão perdendo aqueles princípios em que foram educados e, passadas poucas semanas, é vê-los levando uma vida idêntica à dêsses mesmos camaradas, isto é, procedendo como se não fôssem católicos.

A assistência à Missa ao domingo e a prática do preceito pascal que, lá na terra, eram actos pontualmente cumpridos, esquecem-nos; e se, porventura, alguns amigos de fé mais viva lhes falam nêsse sentido, há sempre uma desculpa que, umas vezes, se baseia no serviço do seu quartel e outras, nas dificuldades que têm em sair ao domingo antes do toque da ordem quando determinado oficial está de serviço.

Chega a altura de deixarem a tropa e êsses rapazes vão para a aldeia completamente outros, se não tiveram a sorte de encontrar alguém que os amparasse durante êsse período da sua juventude, qual anjo da guarda a guiar-lhes os passos.

Ora é exactamente para que êsse amparo exista e se torne bastante eficiente que algumas terras já contam com um serviço próprio para os soldados em moldes do mais puro espírito católico, que os mesmos, graças a Deus, se vão habituando a freqüentar com assiduidade e manifesto entusiasmo.

Queremo-nos referir à «Obra dos Soldados», fecundo campo de acção e apostolado que os comandos, muito embora se trate de um serviço extra-oficial, vêm com a maior simpatia, certos dos bons frutos que daí podem irradiar para os soldados, frutos êsses que, por experiência própria, se traduzem sempre numa maior disciplina e mais consciente, pois, nesta obra, atravez das suas actividades, procura-se ensinar ao soldado que a religião se deve manifestar em todos os actos do homem, o mesmo é dizer que a religião não é mais do que a vida intensamente vivida em Deus.

No dia que, em Lagos, com os soldados do Regimento de Infantaria n.º 4, o apostolado dos quarteis começou a tomar o carácter de um serviço especializado e permanente com fins de «formação moral, religiosa e de revigoramento das tradições gloriosas do País nas suas relações com a história da Igreja», logo se desenhou nitidamente quanto a «Obra dos Soldados» ou Juventude Militar Católica como no Sul do País é conhecida, é grata aos olhos de Deus, a avaliar pelo interêsse que os soldados manifestaram e manifestam por ela, numa atitude espiritual tão livre e tão espontânea. De então para cá, o interêsse por êste género de apostolado tem continuado a aumentar sempre pelo País fora, à semelhança do «grão de mostarda do Evangelho que depois se fêz árvore» para nos servirmos da imagem que certo sacerdote empregava, sempre que se queria referir à «Obra dos Soldados».

Os próprios rapazes que partiram para algumas das nossas ilhas, quer do Regimento de Infantaria n.º 4, quer de várias unidades de Lisboa, para lá levaram a boa semente e ainda há bem pouco tempo, com bastante prazer, recebíamos notícias de um dêles — por sinal um grande entusiasta em Lagos — em nome da «Obra dos Soldados» de Cabo Verde.

*Um aspecto da Missa Campal de Lagos, realizada em 1942*

Em Lisboa, desde o princípio de 1943 que se trabalha também no mesmo sentido e sem interrupção, devendo-se dizer que nesta cidade o serviço dos soldados tem estado inteiramente a cargo dos rapazes da J. I. C., na sua maioria oficiais milicianos.

Começou com soldados de Artilharia n.º 3: com um apenas, exactamente como começou em Lagos. Porém, hoje conta com inúmeros rapazes das várias unidades, alguns até dos quarteis de Belem e Campo Grande que se deslocam tôdas as semanas para assistir às reuniões, com uma boa vontade que de facto encanta.

Em matéria de dedicação pela «Obra dos Soldados», pode dizer-se que há rapazes que vivem inteiramente para ela; todos os momentos que têm livres no quartel lhe consagram.

Ainda não há muitos dias nos comunicava o Sr. Dr. João Correia Botelho, Presidente Geral da J. I. C. e um dos grandes entusiastas desta obra, que um dos rapazes de Artilharia n.º 3 que se encontra nos Açôres lhe escreveu, anunciando que ia, nessas paragens, cumprir o preceito pascal com mais alguns dos seus camaradas. E como êste, quantos casos não se têm registado que se podem documentar atravez de cartas que possuímos, as quais denotam bem a grandeza de alma de alguns dêsses rapazes, na sua grande maioria sem nunca terem feito parte de qualquer organismo católico quando se encontravam na vida civil.

Tôdas as segundas e quintas-feiras nos reunimos numa das salas da sede da J. U. C. gentilmente cedida para êsse fim, reuniões em que, últimamente, toma parte activa o Reverendo Senhor Padre José Correia da Cunha, zeloso Assistente Eclesiástico da «Obra dos Soldados» em Lisboa que, Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardial Patriarca se dignou nomear, com geral agrado dos rapazes.

Como princípio assente, nessas reuniões à maneira de palestras e conversas, em que não falta um ou outro trecho anedótico pelo meio para dispor bem, desfilam um a um os princípios da moral e doutrina católicas, os episódios mais representativos da história de Portugal e da história da Igreja, os problemas da vida de família e da sociedade vistos pelo critério católico e português, numa palavra, tudo o que pode interessar à formação da juventude.

A par destas reuniões em que alguns soldados, os mais atilados, tomam parte activa discutindo os assuntos nelas tratados, os melhores elementos da obra procuram exercer acção pessoal sôbre os seus camaradas de caserna, trazendo-os depois, quer às mesmas reuniões, quer às outras iniciativas, como às visitas aos museus e monumentos históricos que os rapazes tanto apreciam e aos grupos corais de manifesto valor educativo que, de igual modo, os cativam.

Uma das características fundamentais da «Obra dos Soldados» e por assim dizer o segrêdo do seu triunfo, reside no facto de se tomar em devida consideração, como não podia deixar de ser, o novo ambiente em que os rapazes vivem pela adopção de princípios pedagógicos absolutamente próprios, por forma a estimular-lhes o interêsse.

Para o soldado não há meio agrícola nem operário, quer êle tenha vindo do campo, quer da oficina; para o soldado o seu ambiente é o militar, muito embora, uma vez ou outra, devam ser focados determinados problemas do seu meio na vida civil.

Graças à existência da «Obra dos Soldados» que, sob as bençãos de Deus e do Santo Condestável, seu patrono, tantas almas vai conquistando para Cristo, tem sido possível realizarem-se actos como a Missa campal que teve lugar em Lagos em plena parada do quartel, no dia do Juramento de Bandeira da segunda encorporação de 1942; a restauração da casa onde nasceu S. Gonçalo, abandonada para cima de 32 anos; desobrigas numerosas e fervorosas, em cujo número se contam as que tiveram lugar o ano passado na Igreja de Nossa Senhora de Fátima e êste ano na Capela da Ordem Terceira do Carmo de Lisboa que terminou por uma homenagem ao Santo Condestável junto da urna que contém as suas veneráveis relíquias e bem assim as desobrigas de Abrantes, Pôrto, Setúbal, Beja, Faro e de outros pontos, onde a ideia da «Obra dos Soldados» vai conquistando as almas de tantos rapazes.

Como auxiliar indispensável dêste campo de apostolado tem a Direcção Nacional da Juventude Católica entre mãos a publicação do Manual do Soldado Católico, cujo original, elaborado em conformidade com o meio a que se destina, já se encontra em poder do Reverendo Sr. Dr. Gustavo de Almeida, ilustre e incansável Assistente Nacional da Juventude Católica, que tanto interêsse tem manifestado também pela «Obra dos Soldados».

Todavia, para que estas e outras facetas do apostolado do soldado possam ser executadas em tôda a sua extensão e profundidade, é indispensável um grupo de rapazes, tanto quanto possível numeroso e com uma certa cultura e formação religiosa, os quais, em qualquer ponto do País onde se encontrem, trabalhem nesse sentido, à semelhança do que fizeram, entre outros, os Srs. Drs. Alberto Iria, João C. Botelho, Sequeira de Carvalho, Engenheiro Teixeira Duarte, Alferes-Miliciano António Botelho e, ùltimamente, o Aspirante-Miliciano Martinho da Assumpção que também milita na J. U. C.

Ninguém melhor do que os rapazes da Juventude Universitária Católica poderá auxiliar a «Obra dos Soldados», sobretudo quando se encontram a prestar serviço como oficiais milicianos por essas unidades.

Aí, como nas Escolas Práticas onde tirarem os seus cursos de oficial, como em qualquer outra situação em que se encontrem, a sua acção deverá ser sempre o prolongamento do apostolado a que se devotaram ao entrarem para a J. U. C. A Acção Católica no seu sentido mais lato, deverá ser exercida em tôda a parte; onde está um jucista deverá estar sempre um apóstolo. E há tantas maneiras de fazer apostolado, até nas mais simples atitudes que se tomam!

Deve-se em grande parte aos rapazes milicianos e nomeadamente a alguns que passaram pela J. U. C. a existência das várias secções da «Obra dos Soldados». Mas, não deve ser um ou outro; devem ser todos, sobretudo, repetimos, logo que enverguem a sua farda de oficial.

Desta forma não só conquistam almas para Deus, como também é possível um melhor conhecimento e uma maior estima entre chefes e subordinados, o mesmo é dizer entre oficiais e soldados, o que está plenamente de acôrdo com a orientação dos exércitos modernos, além do papel altamente educativo e até patriótico a que esta espécie de apostolado visa.

Foi convicta destas verdades que a digníssima direcção da «Ala» nos pediu para escrevermos algumas considerações sôbre a «Obra dos Soldados». Elas aqui ficam, como um apêlo a todos os jucistas de boa vontade.

Lisboa, Maio de 1944.

*J. Fernandes Mascarenhas.*

*Recordação da Desobriga dos Soldados de Artilharia n.º 3*

# Problemas do Império

Recebemos a seguinte carta:

Carissimo Director:

Assinante e leitor há mais dum ano a esta parte da nossa «Ala» — jornal dos universitários católicos portugueses — sirvo-me dêste meio para lhe falar da estranheza que sinto do nosso jornal não tratar duma coisa, que eu julgo devia estar na 1.ª linha das nossas preocupações de universitários: o ultramar português.

Fala-se na «Ala» de política, da ciência, das questões sociais, da arte e dos problemas morais em geral e nunca nêle vi ser abordado o problema imperial português nos seus múltiplos e fascinantes aspectos.

É realmente de impressionar que no «nosso jornal», janela aberta sôbre as nossas inquietações e desejos, espelho onde se devem reflectir as nossas preocupações e anseios, não tenham aparecido algumas linhas que dissessem clara mente a tôda a gente que na nossa geração universitária portuguesa se mantem viva e bem nítida a chama votiva do Império.

Como país missionário à frente na rota da civilização de tão longínquas paragens, Portugal, tem perante o Mundo altos deveres de que se orgulha, mas de que somos depositários.

O país precisa de criar uma sólida e nítida Consciência Imperial que sendo como uma mística, o conduza de novo pelos ásperos caminhos da glória guiado pela bússula da cristandade. É preciso que se reúna em escol de valôres e vontades donde irradie para a massa geral, em círculos cada vez mais largos, o caminho e os interêsses de tôda a ordem que nos merecem essas longínquas parcelas do Portugal Ultramarino.

E porque não havemos de ser nós, os universitários católicos, o embrião dêsse núcleo à volta do qual se reuniria tôda a gente môça de boa vontade num movimento consciente e definido para os caminhos do Império?

Porque não nos havemos de habituar a pensar e a orientar a nossa vida de futuros responsáveis pelos lugares de direcção nacional, no sentido das colónias? Já conduzindo a nossa preparação especial nêsse sentido, já lendo, falando, investigando, interessando-nos, numa palavra, por tudo quanto de longe ou de perto diga respeito aos territórios portugueses não europeus? Os futuros médicos, engenheiros, advogados, verterinários, militares, os agrónomos e os funcionários superiores de administração, os professores, geógrafos, zoólogos e botânicos, todos nós enfim, estudantes universitários vendo tantas vezes na nossa frente um pequeno campo de actividade na metrópole, porque não havemos de deitar as nossa vistas para Além-Mar, lugar vastíssimo à nossa espera, porta aberta de tôdas as iniciativas fecundas e bem intencionadas? Não bastam umas vagas e dificentes ideias âcêrca de tão magno assunto, precisamos de arranjá-las definitivas, nacionais e criadoras.

Larguíssimo terreiro onde cabem todos os nossos sonhos de afanosa e viril actividade, o território português de Além-Atlântico é o rumo, porventura mais nacional e alevantado que pode tomar uma geração. Queira Deus que seja a nossa, a guarda avançada da renovação continua do interêsse que merecem à metrópole essas parcelas distantes do nosso Portugal.

Perdôe-me carissimo Director, Director, tê-lo importunado com êste arrazoado que outro fim não tem que não seja o de agitar uma ideia no meio que se me afigura o mais propício à sua integral realização.

Sem outro assunto, etc.

*Henrique Garcia*

Tem o nosso presado assinante muita razão em querer ver tratados na «Ala» os problemas relativos ao Império. Agradecemos-lhe a carta e, ao publicá-la, manifestamos o maior empenho em que a sua sugestão encontre éco entre os leitores e colaboradores do nosso jornal e logre obter efectivação.

As colunas de «Ala» estão sempre abertas à boa vontade dos nossos colegas. E, já agora, porque não há-de ser o próprio autor da carta o primeiro a enviar-nos um artigo âcerca dos importantes problemas coloniais?

# O chefe da Igreja Anglicana

**(Conclusão)**

por esta razão geralmente evitado. Mas o resultado disto é deslocar as perspectivas em muitos caminhos. Penso, por exemplo, que posso traçar êste desvio na atitude para com «aridez» que encontra expressão nas *Cartas Espirituais* de Dom Chapman e as razões que dá para preferir S. João da Cruz a Sta. Teresa. Mas não há espaço para tratar o que é quási tão obscuro e complexo como importante. O meu ponto de vista é que a inadequada apreciação da individualidade no tomismo leva à um insuficiente apreço das relações pessoais actuais — o que alguns modernos chamam «meeting» — tanto em moral como em religião.

(6) Ligado, penso com o precedente está a demasiado conceitual interpretação da Revelação. O Tomismo assente sôbre a largamente aceite opinião de que a Revelação é dada em proposições. Eu contestaria que o meio primário de Revelação são factos. Esta Revelação só pode ser fecunda pela apreensão e interpretação dos factos por espíritos iluminados pelo Espírito Santo para tal fim; e a sua interpretação deve ser expressa em proposições. Tais proposições podem convenientemente descrever-se como «verdades de Revelação», mas não são «verdades-reveladas». A acção do Espírito Santo não passa por cima ou anula as qualidades pessoais e individuais do profeta, mas usa-as. Há portanto sempre outras, ainda que com certeza não incompatíveis, verdades a aprender do facto que é a Revelação primária. E em tôda a Revelação não se revela uma verdade respeitante a Deus, mas o próprio Deus em acção. Com efeito em última análise, a Revelação essencial é o Nascimento, Vida, Morte, Ressureição e Ascensão de Jesus Cristo — que são unânimemente registados nos Credos. Mas enquanto muitos viram os Seus actos e ouviram as Suas palavras, é apenas de poucos que S. João escreve «nós vimos a Sua glória»; a Revelação tornou-se efectiva através de espíritos preparados para a receber como o que ela realmente era. O acontecimento é o primeiro; não a interpretação; e os penitentes pecadores podem ajoelhar juntamente aos pés da Cruz em perfeita unidade gratidão e adoração ainda que possam diferir largamente na sua interpretação da Expiação que ali se operou.

O ponto tem considerável importância na conexão com as relações da Teologia com a religião pessoal e a base da comunhão religiosa.

Ofereço pois estes seis pontos como sendo aquêles que julgo requererem modificações ou suplementos no Tomismo para ir de encontro às necessidades modernas.

(1) Reconhecimento de que a ordem social já não é estática; (2) mais ampla apreciação da personalidade individual; (3) novo apreço da cidadania responsável; (4) maior encarecimento do Pecado como distinto dos pecados; (5) mais largo reconhecimento do lugar e valor do «conhecimento afectivo»; (6) apreensão da Revelação como dada antes de mais em factos. Alguns destes são de longo alcance mas perturbariam menos o esquema Tomista no seu todo do que o método de S. Tomaz ao esquema de S. Bernardo que êle substituiu. Talvez estejam certos os que, como o Prof. A. E. Taylor me disse, dizem que o nosso tempo tem mais a aprender de S. Boaventura do que de S. Tomaz. Gostaria de crê-lo porque por temperamento sou mais Platónico do que Aristotélico. Mas ninguém iguala S. Tomaz como sistematizador do mundo espiritual e moral. Se a nossa necessidade é como penso, antes de mais um tal mapa, faremos bem em regressar a êle, fazendo as modificações que a nossa crítica mostra.

*(De «Blackfriars» March, 1944 — gentilmente cedido pela Comunidade Dominicana Irlandesa do Corpo Santo, à qual apresentamos os nossos agradecimentos).*

## Reunião de antigos Jucistas no Seminário de Cristo-Rei

*No dia 30 de Abril realizou-se no Seminário dos Olivais a reünião dos antigos Jucistas.*

*Estiveram lá engenheiros, médicos, juristas — enfim, os estudantes de ontem! Uns são jucistas do primeiro dia, do dia de há dez anos. Todos tinham muito que contar. Mas a sua reünião teve um significado mais amplo: afirmação de fé e de ideal, do ideal que os fêz pioneiros no caminho onde hoje seguimos as suas passadas.*

*Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca celebrou a missa. Depois de terminada a cerimónia do Santo Sacrifício da Missa, Sua Eminência dirigiu a visita ao Seminário.*

*Visita, passeios no jardim, almoço, tudo decorreu no ambiente de amizade fraternal que todos estamos habituados a encontrar na Juventude Universitária Católica.*

*Quando depois da despedida de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, os jucistas se foram retirando pouco a pouco, em todos, antigos e actuais, ficara grata recordação e a esperança de no ano próximo novamente se reünirem na mesma atmosfera de amor cristão.*

# Questões de ensino

## Do ensino da matemática nos liceus

PERANTE a elevadissima percentagem de reprovações que anualmente se verifica nos exames de matemática do 2.º e 3.º ciclos, não podemos de modo algum deixar de afirmar que, das duas uma, ou o ensino daquela cadeira é mal ministrado, ou os pontos não estão à altura dos respectivos programas.

Analisando em primeiro lugar esta última hipótese, verificamos, sem sombra de dúvida, que dum modo geral os pontos nunca se afastam dos programas das respectivas cadeiras, muito embora apresentem inconvenientes de organização. Julgo serem êstes demasiado extensos, e, como diz Cardoso Guerra no n.º 18 da «Gazeta de Matemática», haver a «preocupação de muitas pequenas preguntas relativamente miúdas» que, a meu ver, podem talvez revelar uma grande erudição, mas raramente mostram uma verdadeira capacidade de resolução por parte do aluno.

Êstes dois inconvenientes apontados são importantissimos, actuando o primeiro como factor psicológico e o segundo como elemento de avaliação.

Nada existe que mais aflija um examinando do que se aperceber da falta do tempo suficiente para a resolução do ponto, facto êste que sempre sucede, ao verificar a extensão dos actuais pontos. Quere resolver tudo depressa, muitas vezes consciente aliás da sua capacidade resolução, e executa os problemas precipitadamente, na ânsia de pretender responder a um máximo de preguntas. Resultado: se não falhou na interpretação das questões apresentadas, errou as contas ou esqueceu-lhe referir as unidades. Emfim, não satisfez, tendo muitas vezes possibilidades de o conseguir.

Não podemos citar o argumento de que existem alunos que apesar de tudo obteem altas clasificações, pois julgo que o curso liceal não não foi criado para génios ou para grandes inteligências. Desde que as matérias nêle versadas não são de transcedente compreesão, penso que os medianamente espertos e mesmo os restantes, tenham possibilidade de conseguir aprovação, embora com maior dispêndio de esfôrço.

Prestando pois justiça ao muito que nos últimos anos se tem feito no aperfeiçoamento da execução dos exames, não podemos contudo deixar de salientar êstes inconvenientes, que tanto prejudicam os examinandos na prestação das suas provas. No entanto, sou daqueles que julgam estar dentro da razão ao afirmar que não é nos pontos de exame, em si próprios, que reside totalmente a causa das tais assustadoras percentagens de reprovações. Estas derivam sobretudo do modo como o ensino da matemática é professado.

A matemática é uma ciência aparentemente abstracta, mas por êsse mesmo facto o seu campo de acção é ilimitado, como poderosa auxiliar de outras ciências. Actuando no campo do irreal geralmente, ela está contudo ao nosso alcance para a solução de qualquer problema. O seu ensino constitui pois uma necessidade, quer como agente do desenvolvimento da capacidade dedutiva do aluno, quer ainda como base dos conhecimentos de Matemática Superior a adquirir na Universidade.

Seja como fôr, torna-se necessário interessar o aluno no seu ensino pois só assim conseguiremos encontrar ambiente próprio à apreensão dos conhecimentos. Se êste facto se verifica no ensino de todas as cadeiras, muito mais saliente se torna para o caso da matemática em virtude da sua aparente abstração.

Vejamos um exemplo apenas: é regra geral para a maioria dos professores começarem pelas equações e só depois passarem para os problemas. Pois bem, não seria muito mais lógico e racional que se fizesse precisamente o contrário? É fácil de ver que, sendo sempre uma equação a expressão matemática dum problema não passando pois de um instrumento para a sua resolução, porque razão se começa pelo estudo abstracto desse intrusem que prèviamente se tenha mostrado a nececidade da sua criação? E eis como encontramos dezenas de alunos dentro duma aula resolvendo automàticamente muitas equações sem que a noção clara da sua essência presida à resolução. Se o ensino tivesse sido feito em ordem inversa, nunca depararíamos com a relutância que sempre encontramos por parte dos alunos para a resolução de problemas, não compreedendo muitas vezes como aquele conjunto de letras e números possa traduzir o próprio problema. E não veríamos também examinandos que, tendo chegado a resultados verdadeiramente disparatados na resolução da equação, nunca tenham pensado em discutir êsses resultados e inconscientemente, ousem apresentá-los, quando o mais elementar raciocínio indicaria o êrro.

E como êste exemplo existem dezenas dêles.

Somos, perante êstes factos, obrigados a concluir que grandes insuficiências existem no ensino da matemática nos liceus. Insuficiência esta que reside não na organização dos programas, mas muito principalmente no método de ensino seguido, o qual por vezes, nem êste nome merece.

Quando ouço pois gabar um mestre à base da sua erudição, considero duvidoso o juizo, porque não basta saber muito para ser o bom professor. Êste deve ter o dom de saber ensinar, aliado a um espírito de justiça e de compreensão do seu encargo: ensinar e não unicamente julgar.

Que interessa estar ouvindo a explicação dum assunto matemático feito por um sábio, se não consigo apreender nada da sua exposição, se sou incapaz de no dia seguinte pronunciar uma única palavra sôbre o assunto? Perdemos o nosso tempo e nada daí resultou.

Julgo pois não haver necessidade de entregar o ensino liceal a sábios, o que êle precisa, sob pena de resultar improficua a sua acção, é de pedagogos, que a par dos conhecimentos necessários saibam acima de tudo fazer-se compreender e despertar o interêsse. Sem êle nada se conseguirá.

Finalizando, não tentemos com organizações reduzir as reprovações a matemática, mas procuremos principalmente entregar essa cadeira a quem «saiba ensinar». Isso bastará.

*F. de Santos e Castro.*

**Este número foi visado pela — COMISSÃO DE CENSURA —**

# O Sentido do Peregrinar

13 de Maio de 1944.

Foi em 1942, há precisamente dois anos, a grande peregrinação Nacional da Juventude Católica. Foi, ou melhor, é. A jornada de 1942 não foi mais do que o primeiro passo duma vida nova, vida heróica que já deu os seus frutos.

Alguns dos que nela tomaram parte já receberam o prémio.

Entre êles cito especialmente um, o Sampaio Alves, presidente da Comissão organizadora. Foi o primeiro, o melhor dos peregrinos e portanto o que mais depressa realizou a sua peregrinação. Agora já não é peregrino, é um luzeiro brilhante, uma das candeias de Nossa Senhora, que nos serve de guia. É um símbolo do Peregrino.

Saüdades?... sim. Mas alegria e reconhecimento. O Senhor mostra a predilecção pela nossa juventude provando-a com o sofrimento.

Quando será a nossa vez?

Quando completarmos em nós a peregrinação, quando formos peregrinos perfeitos, peregrinos prontos, como se diria em linguagem militar.

Por enquanto não passamos de peregrinos recrutas, caminheiros da Virgem.

Em 13 de Maio de 1942 os peregrinos transportavam uma grande cruz, uma cruz tosca de madeira.

Aquela cruz transportada a ombros como a do Salvador representava muito. Não era um símbolo, era uma realidade. Quantos de nós não a sentimos já!

E a cruz era tosca, tão parecida com a de Cristo

Naquela cruz estavam resumidos todos os sacrifícios, lutas de apostolado, noites sem dormir, incompreensões, angústias da nossa juventude, ou melhor, todo o sangue da peregrinação. Porque a verdadeira peregrinação não se faz sem sangue. Sangue espiritual — renúncias, defeitos dominados, arestas limadas, e sobretudo aspirações não realizadas, decepções no apostolado e, — quem sabe? — vidas imoladas.

Sangue real, que também o houve.

Mas aquela cruz tosca — toscamente, rudemente, sem burguesismos nem comodidades, se ganha a amizade de Cristo — representava alguma coisa mais: era a promessa duma vida cheia, o oferecimento duma peregrinação contínua, total, completa.

A peregrinação realiza-se e realizar-se-á enquanto não nos ganharmos para Cristo a nós próprios, enquanto não ganharmos para Cristo tôda a juventude.

A ida a Fátima não é mais do que uma renovação da promessa feita, uma velada de armas aos pés de Nossa Senhora.

E é nêste espírito que deve ser encarada a ideia da Peregrinação.

Preparamo-nos para sermos dignos de ir a Fátima. Voltamos de Fátima com maior entusiasmo e energia para a habitual luta quotidiana que constitue a nossa peregrinação.

É a cruz da redenção, a cruz colocada aos pés da Virgem, projectando-se na nossa vida, sobrenaturalizando todos os nossos actos, incutindo-nos a caridade que há de converter os nosso companheiros.

E sôbre caridade, apenas dois factos, intimamente ligados com a peregrinação, e que mostram bem qual o espírito do caminheiro: 11 de Maio de 1942 — Alcanede —. Os caminheiros da Virgem, depois de terem dormido sôbre o chão duro, preparam-se para a partida. Mais uma longa caminhada os espera. Ouvida a Missa e tendo-se tomado uma ligeira refeição, põem-se em marcha. Mas um dos peregrinos vai doente. A irregularidade nas refeições provocara-lhe uma indisposição de estômago. Não faz mal, irá assim mesmo. Outro dos peregrinos não o abandona. Sempre a seu lado, animando-o com palavras, preocupando-se pela sua saúde, vai-lhe maternalmente preparando limonadas. E incansàvelmente, ajudando o tôda a jornada.

Facto sem importância, dirão os superficiais.

Caridade, dizemos nós, caridade daquela que fazia dizer aos pagãos em face dos cristãos «vêde como êles se amam».

Outro facto:

Minde — Noite fechada. Chovendo torrencialmente os peregrinos depois de uma jornada trabalhosa recolhem aos locais destinados para dormir. Mas falta um. Procuram-no e vão encontrá-lo de joelhos no meio da estrada, completamente empapado. Então um dos caminheiros descalça-se e cede o seu calçado ao outro. Êste acto é feito com a maior simplicidade, como quem bebe um copo de água. Ficaria ignorado se ninguém o tivesse visto.

Banalidade? Inconsciência?

Não, espírito de caminheiros da Virgem.

A peregrinação de 42 é assim feita de heroísmo escuro e desconhecido e portanto mais valioso.

É êste o sentido do nosso peregrinar, base duma vida dura e heróica construída com renúncia, abnegação, generosidade e serviço.

*Caminheiro da Virgem*

---

E, enquanto ceavam, Jesus tomou o pão, e o benzeu, e o partiu, e deu-o a seus discípulos, e disse: Tomai e comei; isto é o meu corpo. E, tomando o cálice, deu graças, e deu-lho, dizendo: Bebei dêle todos. Porque isto é o meu sangue do novo testamento, o qual será derramado por muitos para remissão dos pecados.

(*Mat.* XXVI — 26-28)

# POESIAS

## La Vierge à Midi

*Il est Midi. Je vois l'église ouverte. Il faut entrer*
*Mère de Jésus-Christ, je ne viens pas prier.*
*Je n'ai rien à offrir et rien à demander*
*Je viens seulement, Mère, pour vous regarder,*
*Vous regarder, pleurer de bonheur, savoir cela*
*Que je suis vôtre fils et que vous êtes là.*

*Rien que pour un moment pendant que tout s'arrête*
*Midi!*
*Être avec vous, Marie, en ce lieu où vous êtes.*

*Ne rien dire, regarder votre visage,*
*Laisser le cœur chanter dans son propre langage,*

*Ne rien dire, mais seulement chanter parce qu'on a le cœur trop plein,*

*Comme le merle qui suit son idée en ces espaces de couplets soudains.*

*Parce que vous êtes belle, parce que vous êtes immaculée,*
*La femme dans la Grace enfin restituée.*

*La créature dans son honneur premier et dans son épanouissement final,*
*Telle qu' elle est sortie de Dieu au matin de sa splendeur originale,*

*Intacte ineffablemente parce que vous êtes la Mère de Jesus-Christ,*
*Qui est la verité entre vos bras, et la seule espérance et le seul fruit*

*Parce que vous êtes la femme, l'Eden de l'ancienne tendresse oubliée,*
*Dont le regard trouve le coeur tout-à-coup et fait jaillir les larmes accumulées,*

. . . . . .

*Parce qu'il est midi, parce que nous sommes en ce jour d'aujour d'hui,*
*Parce que vous êtes là pour toujours, simplement parce que vous êtes Marie, simplement parce que vous existez*
*Mère de Jésus-Christ, soyez remerciée!*

*PAUL CLAUDEL*

## Meio Dia

*É meio dia. A Igreja está aberta. Vou entrar.*
*Mãi de Jesus Cristo, nada venho pedir*
*Nada tenho para oferecer, nada para rogar.*
*Eu venho só, Mãi, para Vos vêr.*
*Olhar-vos, chorar de alegria e sentir*
*Que sou vosso filho e que estais aqui.*
*Só neste instante em que tudo pára,*
*Meio dia!*
*Estar convôsco, onde vós estais, Maria!*
*Nada vos dizer. Olhar-vos só.*
*Deixar o coração cantar na sua própria linguagem,*
*Nada vos dizer, só cantar*
*O coração está cheio!*
*Cantar-vos,*
*Como canta o melro atrás do pensamento.*
*Porque sois bela, porque sois imaculada,*
*Mulher restituída à graça,*
*Creatura na sua pureza primeira e no seu esplendor final,*
*Tal como das mãos de Deus, na primeira manhã,*
*Intacta inefàvelmente, porque sois a Mãi de Jesus Cristo*
*Que nos vossos braços é a Verdade, a Esperança única o único Fruto,*
*Porque sois mulher, Eden da antiga ternura esquecida,*
*Cujo olhar encontra o coração atormentado*
*E brotam as lágrimas acumuladas,*

. . . . . .

*Porque é meio dia, porque estamos no dia de hoje,*
*Porque estais aqui para sempre, só porque existís, só porque sois Maria*
*Mãi de Jesus Cristo, eu vos agradeço.*

*HELENA CIDADE*

# Glória a Maria

Quando chegar o dia da Ressurreição dos mortos dois túmulos apenas permanecerão impassíveis: o túmulo de Jesus-Cristo e o da Santíssima Virgem.

Jesus-Cristo ressuscitou cheio de glória três dias depois da sua morte; e também três dias depois da sua morte Maria resurge gloriosa, sendo o seu corpo levado ao céu por revoadas de Anjos, segundo a opinião autorizada de numerosos teólogos e santos.

A Santíssima Virgem que tantas graças recebera durante a vida — Ave Maria, cheia de graça — é mais uma vez objecto das atenções do Senhor com êste privilégio especial.

«Entre a ascensão de Jesus e a assunção de Maria há esta diferença — diz Spinelli —: ao passo que Jesus subiu pelo seu próprio poder, Maria tudo ficou devendo à graça».

Ignora-se a data certa da Assunção. Segundo uma tradição conservada pelos Santos Padres da Igreja Oriental, e adoptada pela Igreja Universal, três dias após a sua morte da Santíssima Virgem, os Apóstolos, a pedido de S. Tomás, teriam procedido à abertura do túmulo. E, em vez de restos frios e desfigurados, encontraram sòmente o sudário que envolvia o corpo, rodeado de rosas vermelhas.

Na mesma ocasião os anjos entoavam cânticos melodiosos em louvor da sua Rainha.

A tradição diz também que Maria faleceu em Jerusalém sendo enterrada num túmulo cavado na rocha em Getsémaus. A festa da Assunção, a mais antiga das solenidades estabelecidas em honra da Virgem Maria, remonta ao século IV.

É é notável que numa época de comunicações lentas e difíceis se tenha difundido tão rapidamente e sem a menor contradição até aos países menos acessíveis.

Outro facto característico, e que prova a veracidade da crença e da tradição desde o princípio, é que nunca nenhuma Igreja se intitulou possuidora dos restos mortais de Maria, apesar da grande veneração que sempre houve entre os cristãos para com as relíquias dos santos.

São Cirilo de Alexandria, que em 431 presidiu ao concílio ecuménico de Éfeso representando o Papa, fala da Assunção da Virgem como duma festa celebrada em todo o mundo cristão. São dêle as seguintes palavras:

«Ainda que o seu corpo imaculado tenha sido encerrado neste túmulo, como o de Cristo, Maria ressuscitou e subiu ao céu ao terceiro dia» S. Modesto, bispo de Jerusalém, referindo-se à abundância de graças concedidas à Santíssima Virgem, e à sua glória e privilégios diz:

É por isso que a bem aventurada Mãe de Cristo, nosso Deus e Salvador, que nos dá a vida e a imortalidade, foi acordada pelo seu filho no túmulo é conduzida por êle ao céu para partilhar da sua glória».

No século VI, S. Gregório de Loures no seu livro «A glória dos mártires» faz afirmações idênticas.

É de resto todos os Santos Padres são unânimes em afirmar o privilégio da Assunção de Nossa Senhora, representando a crença geral da Igreja.

O grande teólogo Suarez afirmava mesmo que todo aquele que puzesse em dúvida êste privilégio pecaria por temeridade sendo suspeito de heresia.

Segundo parece esta solenidade antes de ser celebrada no ocidente já era no oriente.

Pretendem alguns, sem provas documentais, que foi Efeso a cidade originária.

Outros pensam que é de instituição apostólica. Sucede porém como com tantos outros factos que se perdem na noite dos tempos.

A data da celebração não era a mesma em todas as Igrejas. Umas celebravam-na a 18 de Janeiro, outras a 23 de Setembro.

No século VI o Papa Gregório Magno fixou-a em 15 de Agôsto sendo desde então celebrada nesta data quer na Igreja grega que na Igreja latina.

Em tôda a parte esta solenidade é celebrada com extraordinário brilho e alegria, não só por ser a principal das destinadas a honrar a Virgem Maria mas porque nesse dia se festeja também a coroação de Nossa Senhora.

A posse de Deus é para os santos fonte de felicidade perfeita e sem sombra. A glória e felicidade de que se gozam estão de harmonia com os seus méritos e virtudes. Quem poderá conceder a glória sublime com que são recompesados as virtudes excepcionais de Maria?

Maria, colocada acima de todos os anjos e santos, que ultrapassa em dignidade, ocupa no reino de Deus um trono especial, mais perto de Deus, mais brilhante e sublime.

Maria no céu não tem ninguém acima dela a não ser Jesus Cristo. «A Virgem Santíssima, na sua dignidade de Mãe de Deus, — diz S. Atanásio — partilha com Cristo o direito de reinar, porque convém que que a mãe do Rei seja Rainha» Quer na Idade Média, quer na Renascença, a cena gloriosa da coroação de Nossa Senhora tem inspirado numerosos artistas.

A escultura, a pintura renderam homenagem à Mãe de Deus.

As escolas de arte disputaram a primazia na graça, doçura de expressão, pureza de traços, delicadeza e frescura do colorido das suas composições inspiradas em motivo tão sublime.

Dir-se-ia que os artistas se inspiravam na frase de S. Ildefonso, arcebispo de Sevilha:

«Maria realizou na terra coisas incomparáveis; Ela possue entre os santos uma glória incomparável.

*T.*